



Antes de passar pelo Bonito CineSur, o documentário, que estreou no *É Tudo Verdade* de 2025, foi exibido em vários festivais no Brasil e no exterior



O realizador destaca com as interações artísticas com o Coletivo Lakapoy resultou numa obra muito diferente do que ele imaginava



A advogada e ativista Txai Suruí em *'Minha Terra Estrangeira'*

filmar negros porque nunca sofreu racismo. O que mudou para mim foi entender que as questões de representação não permanecem no mesmo lugar de sempre. Quando decidi fazer um filme com a Txai, ela disse: “Eu não quero mais ser representada. Eu quero representar”. Isso mudou tudo.

Você já dirigiu em parceria antes, como foi a troca com Kátia Lund em “Notícias de uma Guerra Particular” (1999). Acerca de trocas, o cineasta Cacá Diegues (1940-2025) cunhou uma frase curiosa: “Existe uma diferença entre pacto e aliança. Pacto é uma troca na qual um dos lados sempre perde... tipo pactuar a alma. Aliança é uma troca onde os lados se complementam”. Seu novo documentário é um filme de aliança. O que se aliçou com a Louise Botkay e o Coletivo Lakapoy no processo de “Minha Terra Estrangeira”?

A primeira solução que tivemos para o projeto parecia boa para ambos os lados: eles fariam um filme sobre o pai, o Almir Suruí; eu faria outro sobre filha, a Txai. Depois percebemos que esses filmes, isoladamente, não eram bons. Então fizemos uma versão em que a primeira parte era inteiramente filmada pelo coletivo indígena e a segunda era inteiramente minha. Eu queria deixar muito evidente o que era deles e o que era meu, para não vampirizar imagens. Mas, quando mostramos o primeiro corte, veio uma grande descoberta. Eles disseram, em essência: “Tudo o que vocês fizeram, imaginando um compartilhamento, ainda é insuficiente. O filme



Sensação da Berlinale 2017, *'No Intenso Agora'* foi um dos maiores êxitos internacionais do diretor
Hoje na Netflix, *'Entreatos'* registra por dentro 40 dias da campanha presidencial de Lula, em 2002



Santiago Badariotti Merlo (1912–1994) protagoniza um dos docs mais famosos de João

continua contando essa história do ponto de vista político de vocês. Ele não explica quem nós somos. Ele termina com uma vitória (a do Lula) e a experiência nossa, a dos povos indígenas, sempre foi a da derrota”. Aquilo me impressionou profundamente. A partir daí, dessa fala, (os montadores) Eduardo Escorel e Laís Lifschitz, eu e o coletivo pegamos o martelo, quebramos o filme e o remontamos a partir de uma perspectiva que já não era mais a minha. Acho que é aí que a colaboração, a coautoria, realmente acontece.

A palavra “realidade” salpica a sua fala pública com frequência, sem vigília, mas, para a plateia que se formou com o seu cinema, esse termo tem um peso reflexivo. Esse verbete não é uma concretude; é uma dúvida. O que é realidade para o seu cinema?

Essa é uma pergunta que a Filosofia tenta responder há três mil anos. Vamos baixar a bola: o que é a realidade para um documentarista? É aquilo que você constrói na ilha de edição. A realidade do filme, aquilo que você diz do mundo, não é o mundo, e sim, o que você está dizendo sobre o mundo. Essa é a realidade pela qual eu sou responsável: a que vem da montagem. Lembro de uma entrevista maravilhosa do cineasta Chris Marker. Perguntaram por que ele usava tanto a primeira pessoa (o “eu”; o “nós”) em seus documentários. Perguntaram se aquilo não era uma afetação. Ele respondeu algo muito bonito: “Ao contrário do que as pessoas pensam, o uso da primeira pessoa em documentários é um sinal de humildade. É como se eu dissesse: ‘tudo o que eu tenho a oferecer sou eu mesmo. Eu sei quem eu sou. Eu sei como vejo o mundo. Então ofereço a você não o mundo, mas aquilo que eu vi e consigo contar sobre o mundo’”. Acho que esse pensamento resume uma trajetória. No começo eu tinha a ideia ingênua de que o documentário mostrava a realidade. Hoje entendo que não. O que existe é aquilo que eu consigo dizer sobre a realidade. Eu sou apenas um intermediário.

“Minha Terra Estrangeira” já tem previsão de estreia?

Existe uma questão ligada ao período eleitoral. O filme trata das eleições de 2022 e, por isso, não poderá estrear durante um processo eleitoral. Vai estrear, mas ainda não posso dizer quando. Ele ainda está em negociação com plataformas de streaming, na verdade com duas.